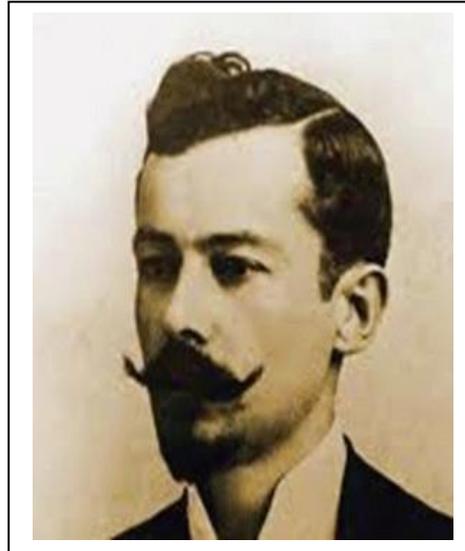


## CENTENÁRIO DO CONQUISTADOR E LIBERTADOR DO ACRE PLÁCIDO DE CASTRO



Plaqueta de autoria do então Major Enge QEMA Claudio Moreira Bento, da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército e solicitada e publicada pela SUDAM em 6.000 exemplares e por ela distribuída as Escolas da Amazônia, como contribuição às comemorações do Centenário do Conquistador e Libertador do Acre Plácido de Castro



### **Plácido de Castro o Libertador e conquistador do Acre 1873- 1903**

**Em 9 de dezembro de 1873 transcorreu o centenário do Coronel acreano Plácido de Castro um jovem gaúcho, líder militar nato, que o destino caprichoso impeliu para o Acre, para um grande encontro com nossa História, ao prestar serviço, sem igual neste século, à defesa e preservação da Integridade, Soberania e Unidade brasileiras. Liderando bravos nortistas, desbravadores e povoadores da região, proclamou o Acre Estado Independente, em 6 de agosto de 1902, em Xapuri.**

**Consolidou-o pelas armas, em duros combates, em 171 dias de campanha. Libertou a região de séria ameaça potencial representada por pôderosos grupos econômicos internacionais, interessados em dominar, inclusive, com apoio militar, fontes de produção de borracha na Amazônia.**

**Evocamos sua vida e obra, apontando-as como exemplo e inspiração a brasileiros de hoje, que velam pela Soberania e Integridade do Brasil na Amazônia ou, que participam da grande cruzada patriótica de integrá-la e de promover o seu desenvolvimento sustentável.**

**Da ação militar e política desse herói, combinada com a diplomática do grande patriota Barão do Rio Branco, resultou a incorporação ao Brasil, pelo Tratado de Petrópolis, de 17 de novembro de 1903, do atual Estado do Acre.**

### **DESCENDENTE DE GUERREIROS**

Plácido de Castro nasceu em Sio Gabriel, Rio Grande do Sul em 9 de dezembro de 1873. Era filho, sobrinho, neto e bisneto de militares que lutaram de 1801.1870, em defesa da Soberania e Integridade do Brasil, em nossa Fronteira Sul — *A Fronteira do Vai e Vem*.

A casa de seu pai tornou-se ponto de encontro de veteranos da Guerra do Paraguai. Nela, o assunto principal era a recordação de lances militares deste conflito. A mente infantil de Plácido foi povoada pelos feitos guerreiros de seus antepassados, durante seis (6) campanhas contra os espanhóis e seus descendentes.

## ADOLESCÊNCIA DIFÍCIL

Com 9 anos começou a trabalhar. Com 12 anos perdeu o pai e passou a sustentar a mãe e seis irmãos menores. À procura de maior salário, trabalhou em Bagé e São Francisco de Paula até atingir idade para realizar seu sonho, ingressar no Exército.

## SOLDADO DO REGIMENTO MALLET

No mês seguinte à Proclamação da República, com 16 anos e quatro dias, ingressou no Exército como soldado. Escolheu, em São Gabriel, a unidade de maior tradição guerreira, o legendário *1º Regimento de Artilharia de Campanha*, o atual Regimento Mallet de Santa Maria. Esta unidade escrevera páginas imortais de glória militar, nas guerras contra Oribe e Rosas (1851-1852) e do Paraguai (1864-1870). Após seis meses, Plácido era cadete.

## ALUNO MILITAR EM RIO PARDO E PORTO ALEGRE

No segundo semestre de 1890, ingressou na **Escola Tática e de Tiro do Rio Pardo**, onde, após 2 anos e meio era 2º sargento. Em 1893, passou a frequentar a **Escola Militar de Porto Alegre**, último degrau para tornar-se oficial do Exército.

## CARREIRA FRUSTADA

Ao entrar para a Escola Militar, a política dividia a família brasileira. Ela penetrou na Escola e dividiu seus alunos em **florianistas** e **federalistas**. Estourara no Rio Grande do Sul a Revolução de 1893, caracterizada por uma violência inaudita e desrespeito a vida do adversário. Alunos florianistas encabeçaram abaixo-assinado, pedindo o fechamento da Escola para lutarem contra a Revolução. Plácido, apolítico, segundo seus biógrafos, recusou-se a assinar o documento. Foi desligado da Escola, declarado suspeito, preso e enviado à Bagé para servir no Batalhão de Transportes, além de privado do uso de arma de fogo. Neste exato momento frustrara-se, para sempre, seu sonho de ser oficial do Exército.

## REVOLUCIONÁRIO FEDERALISTA

Na véspera do combate do Rio Negro, em Bagé, ele abraçou a causa da Revolução. Apresentou-se aos chefes revolucionários e conseguiu a libertação de dois companheiros do Exército, presos na véspera. Um deles seu inimigo. Dessa generosidade ele daria várias mostras na Revolução Acreana. Em 1893, Plácido participou de quase quarenta (40) ações de combate.

Completo sua formação militar na **Academia Militar das Coxilhas**, “vendo, tratando e pelejando”. Com 21 anos incompletos, era major por bravura e disputado entre seus chefes. Jovem não se deixou envolver por práticas bárbaras introduzidas nesta revolução, entre as quais o degolamento de adversários inermes, costume abominável introduzido por caudilhos orientais, contrário a tradição de **Firmeza e Doçura** do gaúcho brasileiro. Tradição que encontrou no General Osório seu maior expoente.

## A FORJA DO GUERREIRO

Os três anos e meio passados no Exército e os dois anos de Revolução seriam responsáveis por sua escolha como general e comandante do Exército do Acre, à frente do qual realizaria feitos militares retumbantes; dentro de critérios táticos e estratégicos de

grande validade em Arte e Ciência Militar que ele soube adaptar à realidade amazônica, diametralmente oposta a das coxilhas do Rio Grande do Sul a que se acostumara.

### **ADEUS ÀS ARMAS**

Com a Paz de Pelotas, em 1895, que pôs fim à Revolução, Plácido não retomou ao Exército. Assistia-lhe, de direito, esta faculdade. São desconhecidos os motivos do não retorno. Após breve período em São Gabriel, foi para o Rio de Janeiro onde tomou-se guarda e inspetor de alunos do Colégio Militar. Incidente com um oficial professor de Geografia obrigou-o a demitir-se. Após, trabalhou nas Docas de Santos, onde praticou o ofício de agrimensor, condição que o levou à Amazônia, contratado para demarcar seringais.

A Amazônia fervilhava com a Questão Acreana. Os limites entre o Brasil e Bolívia no Acre eram discutidos. As diplomacias dos dois países esforçavam-se por defini-los. A seca de 1877, no Nordeste, atraiu para o Acre milhares de nordestinos que terminaram por desbravar e povoar aquela região selvagem, ao custo de 100.000 vidas imoladas por uma ecologia adversa, paraíso de febres palustres. O Brasil reconheceu o domínio boliviano sobre parte da área desbravada e povoada por nordestinos que já se consideravam acreanos. Eles argumentam: **“Se o Brasil não quer o Acre, os acreanos não desejam ser bolivianos”**.

Em 14 de julho de 1899, em Empreza, o espanhol Luiz Galvez, após descobrir tratado; entre os governos da Bolívia e EE.UU, lesivo aos interesses acreanos, proclamou o Acre estado independente. O Brasil interferiu e ajudou a Bolívia a restabelecer seu domínio sobre a área.

Jovens de Belém, inconformados, organizaram uma força para libertar o Acre. Esta força passou à história como a **Expedição dos Poetas**. Após alguns êxitos, fracassou por falta de um líder militar. Plácido recusou comandá-la, obediente à decisão do governo brasileiro. Plácido atacado de febre palustre dedicava-se, como agrimensor, a demarcar seringais.

### **UM CAVALO DE TRÓIA AMEAÇA A AMAZÔNIA**

O governo boliviano, visando lucros e a manter seu domínio sobre o Acre, recorreu a capitais privados norte-americanos e ingleses, sedentos de dominarem as fontes de produção de borracha na Amazônia. Formou-se o **Bolivian Syndicate**. Este adquiriu o direito, por arrendamento, de administrar o Acre e ali manter uma força armada. O arrendamento incluía área reconhecidamente brasileira, segundo constatação de Plácido de Castro.

Era um **“Cavalo de Tróia”** a ser introduzido na Amazônia, por poderosos capitais internacionais, com apoio oficioso dos EE.UU. Precedentes, na África e Ásia, mostraram que grupos idênticos terminaram por colonizar e dominar importantes áreas de alguns países, onde penetraram com os mesmos propósitos. Era uma ameaça à Soberania e Integridade do Brasil, Bolívia e Peru.

### **A OBRA RESERVADA AO JOVEM GAUCHO**

Eram imprevisíveis, a longo prazo, as consequências funestas para o Brasil e Bolívia, se concretizado o acordo do **Bolivian Syndicate**.

Teríamos hoje uma grande nação a dominar grande parte da Amazônia brasileira, boliviana e peruana? O Brasil exerceria soberania sobre a navegação no Amazonas e seus principais afluentes? Quais os reflexos negativos sofridos pela Geopolítica brasileira na Amazônia? Seria mantida a Integridade e Soberania do Brasil na área? Estas e outras perguntas assaltaram a mente do patriota e estudioso de Geografia — Plácido de Castro.

### **PROJEÇÃO DA OBRA DE PLÁCIDO NO BRASIL**

Neste contexto é que se insere a grande obra que irá realizar Plácido de Castro, sem rival neste século, na defesa e manutenção da Integridade, Unidade e Soberania do Brasil na Amazônia, área que somente agora os brasileiros tiveram condições, com grandes sacrifícios, de darem início a grande batalha para integrá-la e desenvolvê-la, para não entregá-la, sobre pressões imprevisíveis do futuro do mundo, em acelerada explosão demográfica.

Por outro lado, seriam abandonados à própria sorte milhares de brasileiros acreanos, desbravadores e povoadores da região, desde quase meio século. No Acre encontravam-se sepultados milhares de nordestinos imolados na luta para dominar aquela região selvagem e remota.

### **ENCONTRO COM SEU DESTINO E COM A HISTÓRIA**

Plácido encontrava-se na Amazônia desde 1898, com 25 anos de idade. Acompanha com simpatia a **Questão Acreana**, sem nela envolver-se. Brasileiros e bolivianos da área chegaram a um acordo de convivência fraterna. Ao tomar conhecimento do teor do contrato, lesivo ao Acre, ao Brasil e também à Bolívia, decidiu impedir que se consumasse. Aderiu à revolução. Daí por diante foi o catalizador, organizador e pregador da Revolução, com vistas a impedir a invasão e controle da área por capitais alienígenas, interessados em controlar fontes de produção de borracha.

### **I INDEPENDÊNCIA DO ACRE**

Em 6 de agosto de 1902, conquistou Xapuri e proclamou a Independência do Acre. Fez com que todos os presentes assinassem a **Ata de Independência**, a fim de comprometerem-se no movimento. Durante mais de um mês percorreu a pé, a cavalo, em canoas, todos os recantos do Acre, no afã de mobilizar para reação militar que dentro em breve se faria sentir. Nos seus mais agudos momentos de febre palustre, fez-se transportar em rede. Decorrido cerca de um mês, conseguiu mobilizar, organizar, equipar e adestrar um pequeno exército de 66 homens e fortificar diversos seringais.

### **DURO INSUCESSO**

Ao retornar para Xapuri à frente de 66 homens, Plácido foi informado da chegada ao Acre de um batalhão boliviano. Para compensar seu pequeno efetivo, concebeu emboscar o adversário em Volta da Empreza (atual Rio Branco).

Este o antecipou no local guiado por um traidor. Sua tropa foi emboscada. Após uma hora de violento combate, acabada a munição, foi obrigado a retirar-se com as seguintes baixas: 22 mortos, 8 feridos graves e 6 desertores. O adversário teve 18 baixas, 10 mortos e feridos.

### **LIÇÃO APRENDIDA**

Plácido analisou profundamente o revés e dele tirou valiosas lições de cunho tático e estratégico, adaptadas às realidades operacionais da selva amazônica. Em pouco tempo Plácido organizou o **Exército do Estado Independente do Acre**, com efetivo de 850 homens, divididos em 4 batalhões: **O Novo Destino, Pelotas, Acreano** e o **Xapuri**. Seus soldados estavam armados com rifles **Whinchester 44** e armas de caça, com 60 tiros por homem.

### GENERAL PLÁCIDO DE CASTRO

Em 2 de outubro de 1902, foi aclamado general e comandante do Exército do Acre. Em 171 dias de campanha, 5 de agosto de 1902 a 24 de janeiro de 1903, o pequeno e bravo **Exército Acreano**, liderado pelo bravo gaúcho, consolidou a Independência do Acre, depois de vencer em diversos combates, fortes e bem armados efetivos adversários; além de afastar da Amazônia, a grande ameaça à Soberania, Integridade de Unidade do Brasil e Bolívia, representada pelo **Bolivian Syndicate**.

### TENTATIVA DE SUBORNO

O Sindicato, face ao fracasso militar, tentou subornar a população acreana, no que foi repellido. Financiou então, na Bolívia, poderosa expedição para esmagar os acreanos. O Brasil tomou posição para evitar o massacre. Entrou em cena o grande Barão do Rio Branco que negociou um “**modus vivendi**” realista com a Bolívia, para evitar que irmãos bolivianos e brasileiros, tradicionais amigos, fossem lançados à guerra em nome de interesses econômicos de grupos internacionais, contrários aos legítimos interesses de seus países.

A diplomacia brasileira através do Barão do Rio Branco, consolidou o ideal de serem brasileiros, conquistado pelas armas pelo General acreano Plácido de Castro e seus bravos soldados acreanos, com a celebração do Tratado de Petrópolis, a 17 de novembro de 1903. Por ele, o Brasil definiu a situação do atual Estado do Acre em troca de compensações; territoriais, em dinheiro e obras civis de grande projeção econômica para a Bolívia.

### IMPERATIVO CÍVICO

Plácido morreu em 11 de agosto de 1908, vítima de uma emboscada preparada por desafetos políticos, dois dias antes. Teve o mesmo destino trágico de seu avô do qual herdou o nome, o Major do Exército José Plácido de Castro. Seus restos mortais repousam em Porto Alegre. Dia virá, que o Acre os reclamará para fazê-los repousar no cenário de suas glórias, na terra de seus intrépidos comandados acreanos que escreveram uma epopéia em defesa da Integridade e Soberania do Brasil.

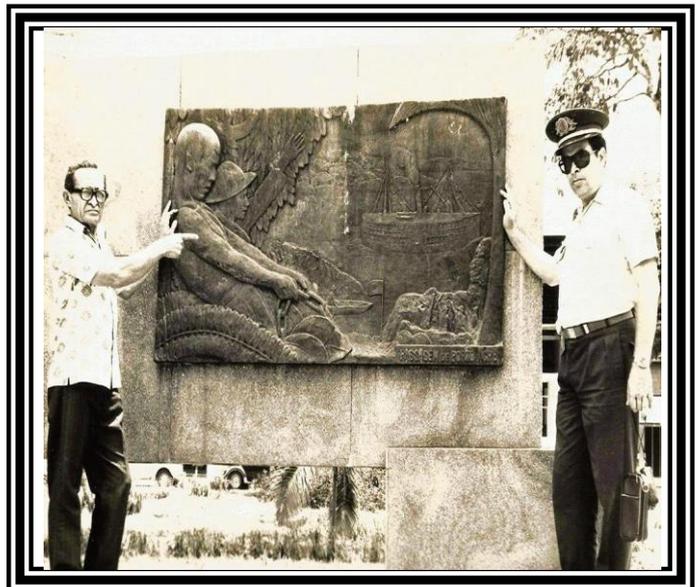
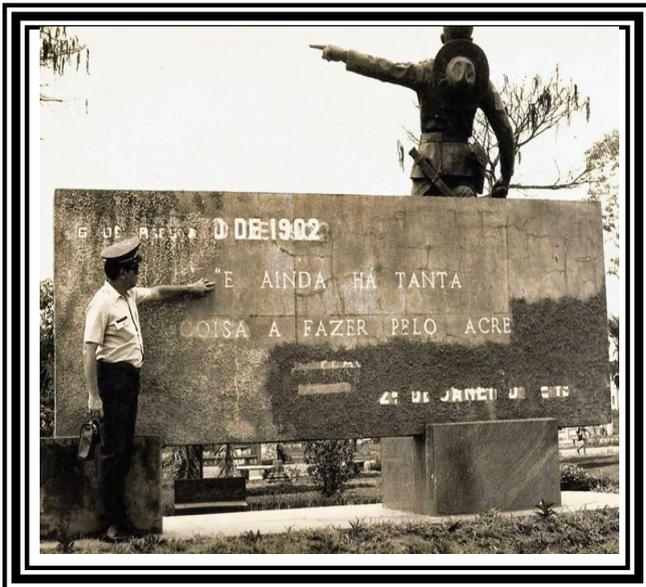
Na terra daqueles heróis que submergiram, um após outro, sob balas inimigas, na tarefa de cortar uma corrente que barrava a navegação do rio Acre defronte Puerto Acre.

Na terra da heroína Angelina Gonçalves de Souza que combateu a luta mais desigual com o inimigo, em protesto pelo trucidamento de seu marido.

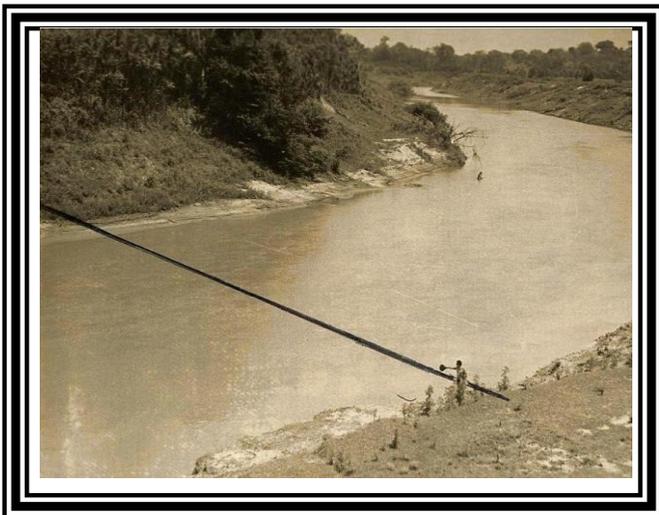
Enfim, na terra de outros tantos heróis assinalados, na luta pela libertação do Acre, muitos esquecidos, que somente Deus sabe seus nomes. Seu retomo é um imperativo cívico, para a reverência eterna dos acreanos, aos quais ajudou a conquistar a liberdade e o direito de serem brasileiros e, para o respeito dos irmãos bolivianos ao adversário valoroso e generoso que lutava, não contra a Bolívia ou contra seus irmãos bolivianos, mas, contra o **Bolivian Syndicate** que ameaçava no só a Integridade e Soberania do

Brasil, como a da própria Bolívia e a liberdade de seu povo, comprometida seriamente, a longo prazo. O General Aduino Araújo Bezerra, filho do Acre, quando comandante da 3ª Região Militar — 1972-1973, no Rio Grande do Sul, descobriu batistério de Plácido de Castro, no qual consta ter nascido em 9 de dezembro e não 23 de dezembro como até agora era aceito.

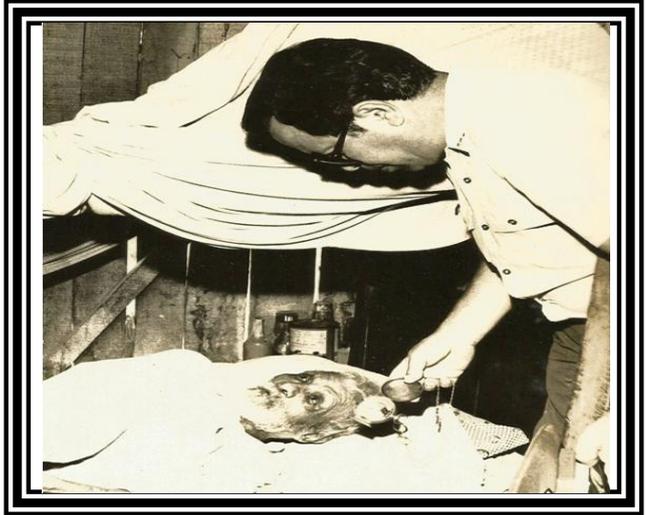
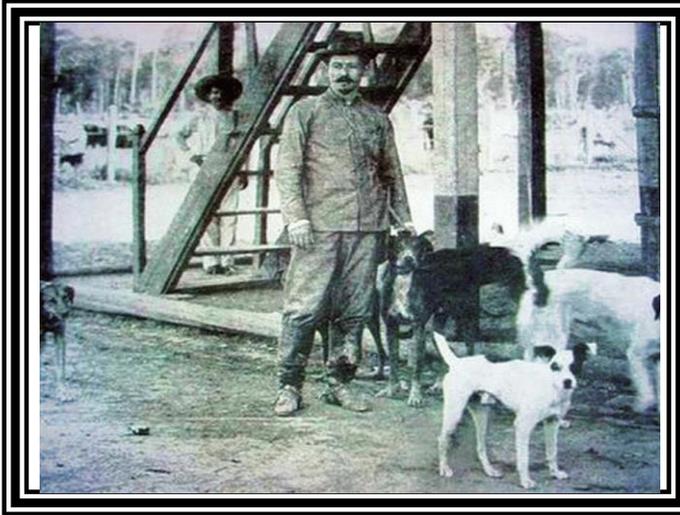
Em jul-set 1999 produzimos em plaqueta O Guararapes nº 22, intitulado Amazônia Brasileira e seus desafios no 3º Milênio, e nela publicamos as fotos a seguir com respectivas legendas. Plaqueta também digitalizada e colocada em Livros no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)



Em 1973 como historiador militar membro da Comissão de História do Exército Brasileiro, fomos enviado em missão ao Acre, para pesquisarmos sobre Plácido de Castro. E nas fotos acima detalhes do monumento ao herói na cidade de Rio Branco capital do Acre,



Nas fotos acima 1- O Autor apontando o local em Puerto Acre em que os bolivianos colocaram uma corrente para impedir que embarcações brasileiras a ultrapassem. 2- Entrevista num hospital em Rio Branco com o herói que conseguiu cortar a corrente. Ele foi encontrado muito doente num seringal na Bolívia, para onde tinha se dirigido, na crença de haver cometido um crime

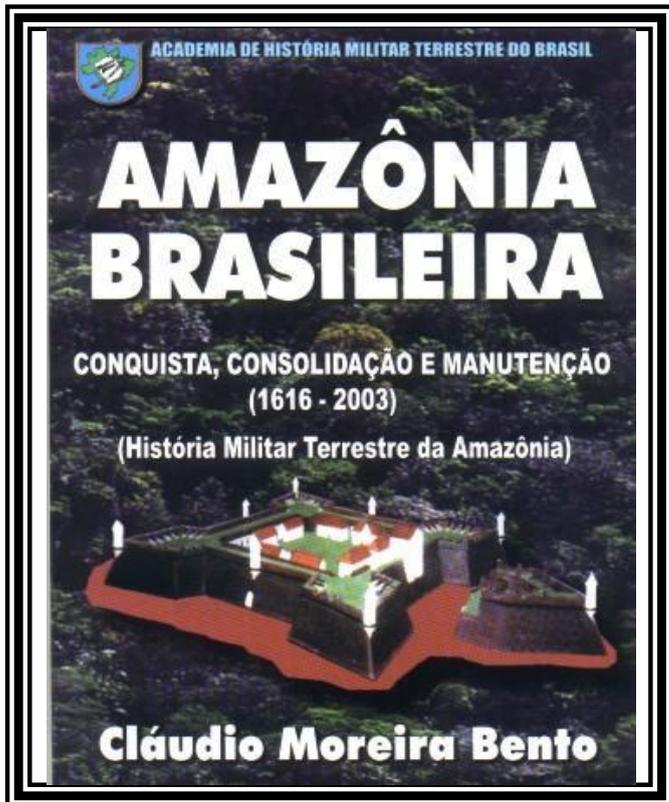


1 – Plácido de Castro e seus cachorros

2 – Major Bento visitando o Sgt Feitosa Mateiro de Plácido de Castro, que lhe ofertou a bússola que aparece na foto



No comando do Colégio Militar de Porto Alegre em 1986-1988 o Coronel Jonas de Moraes Correia Netto, batizou o amplo Patio do CMPA de Pátio Plácido de Castro



Em 2003 publicamos o livro ao lado, apresentado pelo acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Prefacio do acadêmico Gen Ex Luiz Gonzaga Shoroeder Lessa, ex- comandante Militar da Amazônia e que deixando o comando do CML, desenvolveu intensa campanha, em prol do conhecimento pelo Brasil dos grandes problemas relativos aquela importante área, muito pouco conhecida no restante do Brasil. O Posfácio coube ao então comandante da Academia Militar das Agulhas Negras o falecido Gen Bda Claudimar Magalhães Nunes, 3º Presidente de Honra da hoje FAHIMTB e que vinha do comando da 1ª Brigada de Infantaria de Selva em Boa Vista Roraima. Abas do acadêmico e editor Dr Flávio Camargo e capas do CMG Carlos Norberto Stumpf Bento. Ao final relaciona todas as monografias sobre a Amazônia, produzidas por alunos da ECME e CPAEx. Livro pioneiro na abordagem da História Militar Terrestre da Amazônia 1613-2003 e com ampla bibliografia de 13 páginas.

Livro este reeditado e ampliado em 2017

Identificação das 4 fotos da página anterior. 1- Foto de Plácido de Castro com seus cachorros, 2- Foto da mateiro de Plácido de Castro Sargento Feitosa muito doente na qual aparece com a bússola que Plácido de Castro lhe deu como lembrança. 3 – Foto do túmulo de Plácido de Castro em Porto Alegre. 4 – Foto do Colégio Militar de Porto Alegre cujo pátio recebeu o nome de Plácido de Castro no comando do Cel Arl Jonas de Moraes Correia Netto

BIBLIOGRAFIA DO TRABALHO DO AUTOR PUBLICADO PELA SUDAM EM 1973 EM HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE PLACIDO DE CASTRO

GOYCOCHEA, Castilhos. **“Plácido de Castro; o derradeiro bandeirante”**. RIHRGGS, Porto Alegre, 1940, 1º trimestre, p.89-126.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – História do Exército Brasileiro- Perfil Militar de um Povo. **“Campanha do Acre”**. Rio de Janeiro, EME, 1972, v. 2, p. 750-66.

LIMA, Cláudio de Araújo. **Plácido de Castro; um caudilho contra o imperialismo**. 2 ed. Rio de Janeiro, Brunar, 1960.

No acervo da FAHIMTB existe pasta com fotos tiradas por fotógrafo posto a nossa e disposição pelo Governo do Acre, Em São Gabriel-RS a sede do Governo Municipal, tem o nome de Plácido de Castro, cuja História em livro e de autoria do historiador local o acadêmico emérito da FAHIMTB Osório Santana Figueiredo.